

2005\_06\_28

**Jornal Hoje em Dia (Belo Horizonte, 19/06/2005)**  
**Avanço das estatais preocupa analistas**

Rafael Sânzio  
Repórter

A expansão das estatais por meio da aquisição de empresas demonstra que o ambiente econômico do país ainda não é favorável ao investimento privado em infra-estrutura. A conclusão é de empresários e de analistas do mercado que consideram um mau sinal quando investidores resolvem se desfazer de seu negócio para devolvê-lo ao controle estatal. Na raiz do problema, avaliam, pode estar a falta de regulamentação clara dos setores de infra-estrutura. Adriano Pires, consultor do Centro Brasileiro de Infra-Estrutura (CBIE), classifica a investida das estatais como uma "volta ao passado". "As agências reguladoras estão esvaziadas e, claramente, o Governo do PT tem um discurso de que infra-estrutura é dever do Estado", analisa. "E como o setor privado vive um cenário de instabilidade regulatória e vê que o Governo fortalece as estatais, na primeira oportunidade ele vende seu negócio. Existem muitas empresas na área de energia que gostariam de ir embora do país."

Pires alerta ainda que a expansão da participação das estatais na economia por meio da compra de outras empresas pode não ser o caminho para resolver as necessidades de investimento em infra-estrutura. E o motivo, esclarece, é que as limitações de gastos do setor público, que precisa gerar superávit primário - despesas sem o serviço da dívida inferiores à receita - para pagar os juros da dívida podem limitar os investimentos necessários. "Se o Brasil crescer seguidamente a 3% ou a 3,5% ao ano, vai esbarrar na infra-estrutura", avisa.

O presidente da Câmara Brasileira de Investidores em Energia Elétrica (CBIEE), Cláudio Salles, também vê com preocupação a possibilidade de as estatais ganharem terreno na economia. De acordo com Salles, estudos da consultoria Tendências indicam que o setor elétrico precisa fundamentalmente de investimentos privados para garantir o crescimento da oferta de energia. "Não há recursos públicos suficientes para atender à demanda de investimento", afirma, ao lembrar que só na área de geração haveria necessidade de aporte de R\$ 13 bilhões por ano. Salles avalia ainda que, caso os investidores interpretem as aquisições das estatais como desestímulo aos negócios, o setor elétrico ficará mais ameaçado do que já está por causa da instabilidade regulatória. De acordo com Salles, o atual Governo estabeleceu uma série de mudanças de regras que trouxe insegurança ao setor e paralisou os investimentos. "Há 30 meses não se começa nenhum empreendimento de grande porte no setor elétrico brasileiro", alerta o representante dos investidores, que acrescenta que apenas obras já iniciadas têm sido tocadas. Antônio Corrêa de Lacerda, professor de Economia Brasileira da PUC-SP, reforça que a falta de definição de um modelo regulatório para o investimento privado pode ser um dos motivos de as estatais aparecerem comprando empresas. Este quadro, concorda, vem a calhar para um Governo que claramente tem uma visão estatizante da economia. "Talvez um Governo mais liberalizante fosse por outro caminho", resume, antes de ressaltar que não considera a movimentação atual como uma espécie de reestatização gradual.

Lacerda salienta, porém, que o ponto crucial não é saber se uma determinada empresa é estatal ou privada. Conforme o economista, o fundamental é a definição de uma estratégia de desenvolvimento e do papel das estatais em um plano deste tipo. "A privatização não pode ser um fim em si mesmo", alerta.